

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Entregou geral

As afirmações do presidente Lula sobre o Orçamento na entrevista à Rádio T deixaram aos parlamentares a certeza de que o ministro Flávio Dino tem um jogo combinado no sentido de ajudar o Poder Executivo a tentar retomar o controle orçamentário. “Não existe, em nenhum país do mundo, que o Congresso tenha sequestrado metade do Orçamento. (...) Se me xingar ou votar contra, recebe do mesmo jeito”.

Deu ruim

Essas declarações deixaram os líderes com a certeza de que a guerra pelo controle orçamentário está posta. E vai invadir a campanha pela Presidência da Câmara, o próximo grande embate político depois da eleição municipal.

Segura aí

A guerra orçamentária coloca em segundo plano o caso do ministro Alexandre de Moraes. Afinal, a briga pelo Orçamento vai muito além dos bolsonaristas ávidos pelo impeachment de Moraes. A turma do Centrão quer ver primeiro como fica a questão dos recursos. Essa briga com Moraes não está na agenda deles. Por enquanto.

Mineração sob os holofotes

Empresas do setor de Mineração e energia se uniram para fazer um amplo estudo sobre minerais críticos e estratégicos para o Brasil. A ideia é mapear a demanda brasileira para levar o setor ao centro da agenda de desenvolvimento, não só do país, mas de inserção no mercado internacional. O trabalho é uma parceria do Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram) e do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri).

“Tem que dar transparência”

Adversário do ministro do Supremo Tribunal Federal Flávio Dino no Maranhão, o deputado Hildo Rocha (MDB-MA) dá razão ao opositor na cobrança de mais controle nos repasses das emendas Pix, aquelas de liberação direta. Hildo contou à coluna que, em dois casos no interior do Maranhão, os prefeitos não cumpriram o objeto da emenda. Em Itapecuru, onde o governo federal construiu um conjunto de casas populares, faltava a via de acesso para a entrega das casas. “Mandei uma emenda Pix de R\$ 700 mil para o prefeito fazer

essa via e ele não fez”, diz. O outro caso foi a compra de um ônibus escolar para o município de Itinga. “Eram R\$ 250 mil para comprar um micro-ônibus e o prefeito comprou uma van”.

Hildo Rocha denunciou o caso aos órgãos de controle. Porém, essa atitude é uma raridade no meio político. “Precisamos evitar que o dinheiro que é enviado para uma obra acabe sem ser utilizado nessa obra. E, nesse sentido, Flávio Dino está certo. Precisamos reforçar os mecanismos de controle e o Parlamento pode fazer isso”, afirma o deputado.



CURTIDAS

Elmar surfa na crise/ Entre os candidatos a presidente da Câmara, quem mais ganha com essa crise é o líder do União Brasil, Elmar Nascimento. Entre os deputados, prevalece a ideia de que é preciso colocar alguém capaz de negociar com o Poder Executivo, sem ceder demais nas prerrogativas da Casa.

Roque de Sá/Agência Senado



“Essa briga é política. Já existe a fiscalização dos tribunais de contas estaduais”

Do deputado Danilo Forte, que foi relator da LDO no ano passado.

Lula no Sul/ O presidente Lula continua seu périplo pelos estados onde não obteve muito sucesso na eleição de 2022. Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina não saem da agenda.

Lide no Rio/ O Rio de Janeiro recebe hoje a maratona de debates do grupo LIDE, do ex-governador João Dória. O tema orçamentário não ficará de fora.

DIPLOMACIA

As ideias do presidente não foram bem recebidas nem pelo chavista Maduro nem pela principal líder da oposição, Maria Corina

Lula sugere saídas para a Venezuela

» VICTOR CORREIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva cobrou, ontem, medidas concretas na Venezuela para resolver o impasse eleitoral e disse não reconhecer a vitória de Nicolás Maduro sem a divulgação das atas. Lula sugeriu a realização de novas eleições no país, ou o desenho de um governo de coalizão, com autoridades chavistas e opositores.

As propostas têm tração internacional, mas são rejeitadas pelos dois grupos políticos venezuelanos. “Se ele (Maduro) tivesse bom senso, poderia tentar fazer uma conclamação ao povo da Venezuela. Quem sabe até invocar novas eleições, estabelecer critérios para a participação de todos os candidatos, criar um comitê eleitoral suprapartidário, que participe todo mundo, e deixar que entrem olheiros do mundo inteiro para ver as

eleições”, disse Lula em entrevista à Rádio T, de Curitiba (PR).

As condições citadas por Lula foram exigidas nos Acordos de Barbados, tendo como contrapartida a retirada de sanções dos Estados Unidos — que cumpriram a promessa. Lula também foi questionado se reconhece a vitória de Maduro nas urnas. “Ainda não. Ele sabe que ele está devendo uma explicação para a sociedade brasileira e para o mundo”, respondeu. Enfatizou, no entanto, que também não pode reconhecer a vitória da oposição sem as atas.

Outra sugestão feita pelo presidente é a criação de um governo de coalizão, ou seja, com cargos públicos divididos entre aliados de Maduro e opositores. Ele citou como exemplo sua própria gestão. “Muita gente que está no meu governo não votou em mim. E eu trouxe todo mundo para participar do meu governo”, explicou.

Repercussão

O presidente da Colômbia, Gustavo Petro, defendeu que a solução política para a crise depende de Nicolás Maduro. Ele enumerou suas sugestões em sua conta no X. “Levantamento de todas as sanções contra a Venezuela. Anistia geral nacional e internacional. Garantias totais à ação política. Governo de coabitação transitório. Novas eleições livres”, escreveu.

Petro afirmou ainda que o melhor caminho para a paz é um acordo político entre Maduro e oposição, e que isso depende apenas dos venezuelanos.

Internamente, porém, tanto Maduro quanto a oposição rejeitam tanto fazer novas eleições como montar um governo de coalizão, ideias ventiladas por Lula. Para Maduro, a sugestão é “interferência externa” no país. Antes dele, a líder da oposição, Maria Corina Machado, indagou: “Se não agrada o resultado de

uma segunda eleição, vamos para a terceira? Para a quarta? Quinta? Vocês aceitariam isso em seus próprios países?”, destacou Corina. “Propor isso é desconhecer o que aconteceu em 28 de julho. É um desrespeito aos venezuelanos”, acrescentou. Ela argumentou ainda que só é possível formar coalizão entre grupos políticos democráticos, “o que não é o caso”.

Debate

No Senado, o assessor especial da Presidência para assuntos internacionais, embaixador Celso Amorim, defendeu que encontrar uma solução negociada na Venezuela “é difícil, mas tem que ser tentado”. Negou que o governo brasileiro vá reconhecer a vitória de Nicolás Maduro sem a divulgação das atas.

O ex-chanceler participou de audiência pública na Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional (CRE), após um

requerimento da senadora Tereza Cristina (PP-MS). Até o momento, a posição oficial é pela cobrança das atas, mas tanto Amorim quanto Lula começaram a citar medidas mais concretas, como refazer o pleito.

“Todos os nossos interlocutores concordam que a prioridade é encontrar uma forma de pacificar o país, que já sofreu com tanta instabilidade”, declarou Amorim, em seu discurso inicial. “Somos favoráveis à solução que venha do diálogo. É difícil, mas tem que ser tentado”, pontuou.

Amorim sustentou que a posição brasileira segue princípios, como a defesa da democracia, a não ingerência em assuntos internos e a resolução pacífica de conflitos. “Não sei se isso agrada ou não o presidente Maduro, mas nós nunca deixamos de insistir na publicação das atas”, acrescentou o embaixador.

Tereza Cristina, autora do requerimento, pediu esclarecimentos sobre o contato do governo brasileiro com a líder da oposição, Maria Corina Machado, e sobre o afastamento do México das negociações.

Amorim disse que não poderia dar detalhes em uma sessão pública, mas garantiu que há contato “de muito alto nível” com Corina. Apesar de não ter conversado pessoalmente com ela, afirmou que recebeu o candidato Edmundo González na Embaixada do Brasil em Caracas, quando esteve no país.

Sobre o México, Amorim acredita que o afastamento ocorreu por conta do período de transição de governo que ocorre no país. O atual presidente, Andrés Manuel López Obrador, deixa o cargo em 1º de outubro em prol de sua aliada, a presidente eleita Cláudia Sheinbaum

(LEIA MAIS NA PÁGINA 9)



UM NOVO JEITO DE VIVER ao sul da Asa Sul

2 e 3 quartos 57 m² a 127 m²

Coberturas lineares e duplex 70 m² a 125 m²

A M A N H ã

PaulOOctavio

OUTRO



ACESSE E SAIBA MAIS